



Uma Sala Inteira a Sonhar

encantamento em arte e educação na Fábrica de Sonhos

*An Entire Room to Dream
enchantment in art and
education at the Dream
Factory*

Anderson José Caetano de Souza
(Zé Caetano)¹

Tania Alice²

1. Zé Caetano é discente de doutorado em Artes Cênicas pelo PPGAC/UNIRIO, mestre pelo mesmo programa e graduado em Atuação Cênica pela UNIRIO. Integra o coletivo Performers sem Fronteiras e o grupo de pesquisa Práticas Performativas Contemporâneas (UNIRIO/UFRJ), certificado pelo CNPq. Vínculo institucional: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNIRIO, Av. Pasteur, 436 - Urca, Rio de Janeiro - RJ, 22290-255. E-mail: caetano@edu.unirio.br

2. Doutora em Letras e Artes pela Université de Provence, França (2003) e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq; Artista-pesquisadora e professora titular da Graduação e da Pós-Graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço: Av. Pasteur, 436 - Urca, Rio de Janeiro - RJ, 22290-255. E-mail: taniaalice@unirio.br

Este trabalho recebeu apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, em conjunto com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI e do Governo Federal do Brasil por meio da bolsa de produtividade em pesquisa – processo n. 302924/2022-1.

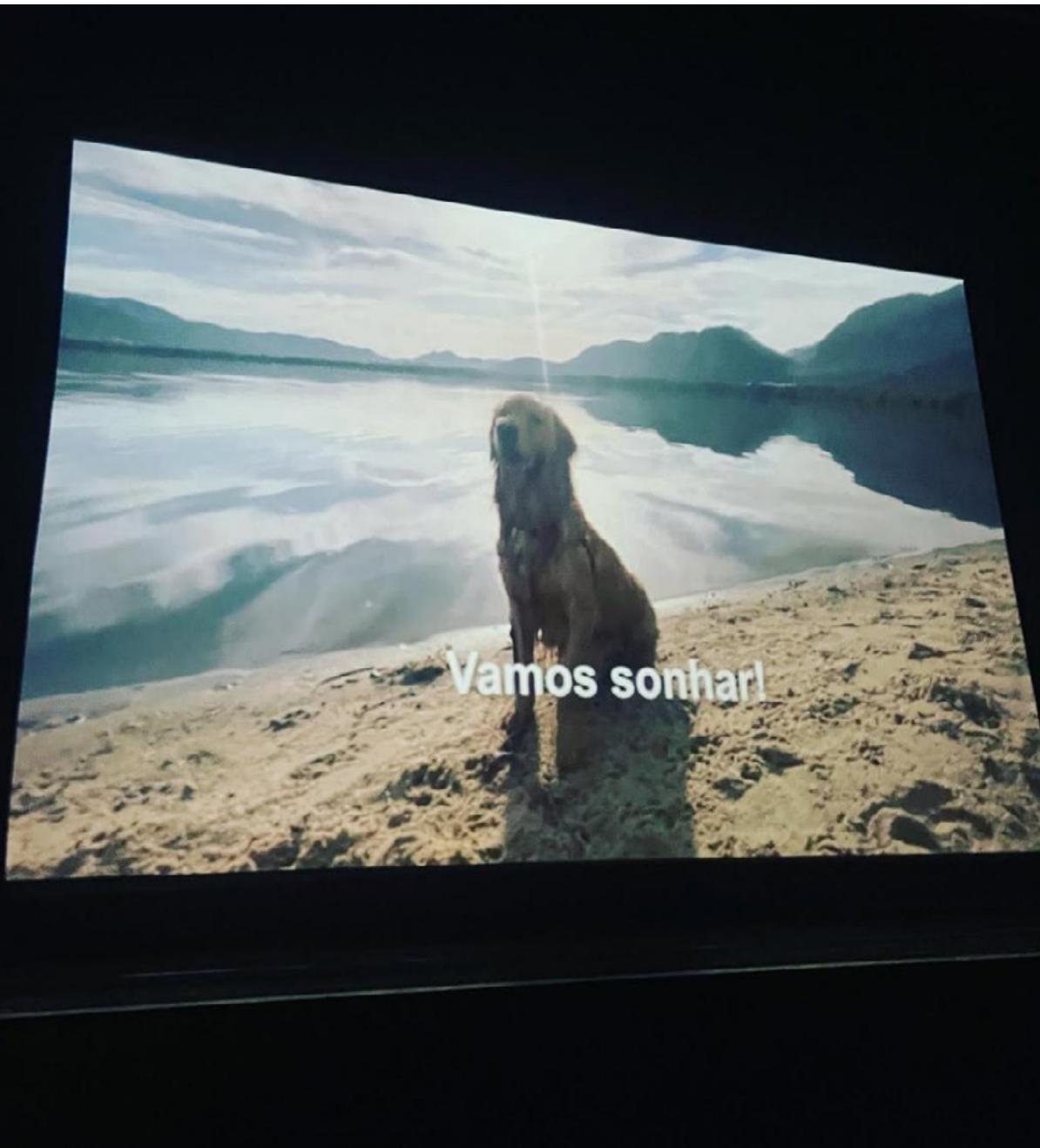


Figura 1 - Buda no documentário sobre a Fábrica de Sonhos realizado pelo aluno Marcos Huan. Fonte: Acer-vo pessoal.

Resumo |

A Fábrica de Sonhos é uma experiência pedagógica e artística que transforma a sala de aula de uma universidade pública em um espaço de criação coletiva e partilha afetiva. Ao operar na intersecção entre arte, educação e política do sensível, a Fábrica propõe uma ruptura com a lógica produtivista contemporânea, valorizando o encantamento e a criação colaborativa. Neste artigo, optamos por aprofundar três eixos que guiam esse treinamento para o performer na busca da fusão de arte/vida: o encantamento como ato político, a escuta e o silêncio como ferramentas de presença e a disciplina como exercício de amor e de liberdade. Por meio desses movimentos, o projeto de arte socialmente engajada da Fábrica de Sonhos transforma-se em um campo de reinvenção das temporalidades, dos imaginários e das formas de convivência.

Palavras-chave: Performance; Afeto; Pedagogia; Encantamento; Resistência.

Abstract |

The Dream Factory is a pedagogical and artistic experience that transforms the classroom of a public Brazilian university into a space for collective creation and emotional sharing. By operating at the intersection of art, education and the politics of the affects, the Factory proposes a break with contemporary logic of productivity, valuing enchantment and collaborative creation. In this paper, we have chosen to delve into three axes that guide this training for the performer in the search for the fusion of art/life: enchantment as a political act, listening and silence as tools of presence, and discipline as an exercise in love and freedom. Through these movements, the

socially engaged art project of the *Dream Factory* becomes a field for reinventing temporalities, imaginaries and forms of coexistence.

Keywords: Performance art; Affects; Pedagogy; Enchantment; Resistance.

Aos que, em meio aos desencantos, insistem
em ver nos sonhos o fio de um futuro
possível
o lampejo de um corpo coletivo
o suspiro de mundos ainda por vir.
A todas e todos que, mesmo no cansaço
dos dias, não se rendem ao deserto da
indiferença e persistem em acender os
sonhos que nos fazem brilhar.



Figura 2 - Triz so-
nha em ser passa-
rinho e descobrir
o mundo. Fonte:
Acervo pessoal.

Comer, pelo menos mais uma vez, o bolo de sua avó. Conversar com animais diferentes. Despedir-se do pátio da sua antiga escola, já que a pandemia impediu esse último contato. Comemorar uma festa de quinze anos que nunca aconteceu. Velejar na Grécia. Fazer um pocket show em inglês. Passar um dia em um spa. Andar de bicicleta pelas ruas de Paris. Receber cartas de amores. Andar de pernas de pau em um bloco de carnaval. Ser mãe. Participar da gravação de uma novela. Boiar no mar sem medo. Ser surpreendido com flores. Vestido de drag, dar salada de comer para um dinossauro. Mergulhar em uma piscina de gelatina. Casar. Fazer o que mais ama sendo assistido por quem mais ama: sua mãe. Viver, por uma manhã, como uma diva pop. Ser professora universitária por um dia. Ouvir uma música escrita e cantada exclusivamente para você. Gravar um forró. Casar aos pés do Cristo Redentor. Voar. Protagonizar um filme de terror. Presenciar o sol amanhecendo com amigos. Transformar-se em uma *drag queen*. Caminhar em um tapete vermelho. Receber um carro de som com frases de amor. Estudar em uma escola de magia. Flutuar em uma vitória-régia gigante. Ver o Botafogo campeão. Tornar-se passarinho para descobrir o mundo todo. Ser coroada princesa. Esses são alguns sonhos que a Fábrica de Sonhos recebeu após perguntar aos participantes: "Qual é o sonho da sua vida?".

A Fábrica de Sonhos nasceu de uma utopia da artista-pesquisadora Tania Alice ao ver alunas e alunos voltarem a sonhar depois dos tempos difíceis de pandemia e pós-pandemia, dentro de um contexto de ascensão da extrema-direita, de um capitalismo sempre mais acirrado e o sucateamento progressivo das condições de existência dos trabalhadores da arte e da educação. Por esse motivo, em 2022, ela abriu as portas da Fábrica de Sonhos, com o objetivo de realizar semanalmente o sonho de vida de alguém de forma performativa. Dentro do projeto, uma equipe – composta por estagiárias/os de docência, monitoras/es, bolsistas de integração acadêmica e

voluntárias/os³, além de todas/os as/os discentes da turma – envolve-se em diferentes tarefas durante a execução.

A Fábrica integra-se na disciplina optativa *Treinamento para o performer, conhecida como Fábrica de sonhos, ofertada pelo departamento de Atuação Cênica na Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)*. Ao todo, até a presente data⁴, foram realizados sessenta e seis sonhos. Ao realizar os sonhos, a disciplina oferece um treinamento rigoroso e afetivo de funções envolvidas para a criação e a concretização de performances: desde a concepção até a realização, passando pela descoberta, familiarização ou aprofundamento de práticas artísticas diversas como criação de figurino e cenografia; caracterização, criação dramatúrgica, concepção e redação de programas performativos; construção de arquivos fotográficos; elaboração de um e-book; composição musical, entre outros. Esse processo permite às/aos discentes se familiarizarem com idealização, criação e produção em performance de uma forma solidária, lúdica e onírica. A Fábrica de Sonhos é uma possibilidade de compartilhamento que instaura um espaço de encantamento contínuo, o qual não se encerra na experiência individual, mas reverbera em quem participa e testemunha o processo. Como descreveu um dos sonhadores, o impacto da experiência projeta-se para além do momento da realização: "Meu sonho maior mesmo seria poder ver aquelas pessoas pra sempre com aquele sorriso no rosto."

O presente artigo foi escrito em parceria entre a idealizadora do projeto e pesquisadora de modalidades de poéticas do cuidado, Tania Alice, e o estagiário de docência e aluno de doutorado, Zé Caetano, para quem o curso se apresentou como

3. Até o presente momento, fizeram parte da equipe: a professora criadora do projeto e ministrante da disciplina Tania Alice; os estagiários Caio Picarelli, Zé Caetano, Isabella Duvivier; os monitores bolsistas Thaís Aquino, Bruna Meireles e Shantala Cavalcanti; os monitores voluntários Lorenzo, Gabriela Januário e Carol Romano; os bolsistas de incentivo acadêmico Thaís Coutinho, Julia Lopes e Gyza Carneiro; as alunas voluntárias Gabriela Marques e Vitória de Carvalho e o cachorro Buda. A designer Vanessa Bittencourt também participou na elaboração progressiva do e-book fora da sala de aula.

4. A Fábrica abriu suas portas em setembro de 2022. A produção desta escrita se dá em fevereiro de 2025.

uma prática de inspiração e desassossego, pelas observações de um trabalho que, em sala de aula, apresenta-se como um local de interseção entre arte-vida-educação socialmente engajadas. A partir das observações do estagiário e de conversas com a idealizadora do projeto, feitas em conjunto ensaiando coreografias, montando piscinas de gelatina em parques ou ainda levando uma ovelha para a universidade para participar de um sonho, surgiram três eixos os quais norteiam a prática artística e pedagógica da *Fábrica*, e que serão os pilares desta escrita: o encantamento de vida como ato político, o reconhecimento da importância da escuta e do silêncio e a disciplina como prática de amor e de liberdade.

1. O encantamento de vida como ato político

Iniciamos nosso caminho em diálogo com o pesquisador e curador mexicano Pablo Helguera (2011), que nos provoca acerca da importância de repensar a arte não somente como objeto de contemplação estética, mas baseada em interações sociais capazes de facilitarem diálogos, cooperação e acolhimento, configurando assim uma arte socialmente engajada. A escrita de Helguera é fundamentada na ideia de que a arte pode funcionar como uma ferramenta pedagógica poderosa, capaz de gerar espaços de aprendizado colaborativo e, assim, promover transformações sociais. Segundo Helguera, a arte socialmente engajada destaca-se como um elo vital entre o indivíduo e a coletividade, desafiando os limites tradicionais da arte e da educação, reafirmando os papéis essenciais dessas áreas como dispositivos de transformações pessoais e sociais, interconectando arte e vida.

Quando um coletivo se une, em sala de aula, com a finalidade de reparar, conceber e realizar em performance o sonho da vida de cada um dos participantes, há o questionamento implícito da naturalidade de um sistema cada vez mais enraizado em uma estruturação individualista. Há um desfazimento natural da autopromoção inerente ao uso das redes sociais, em que todas/os têm que ser vencedoras/es coroadas/os de sucesso. Conforme afirma o psicanalista argentino Jorge

Aléman⁵ (2022), o neoliberalismo, fruto do capitalismo tardio, tem a perversidade de disputar a edificação do campo de representação e de produção de subjetividade, além de fomentar ideais impossíveis de serem atingidos, e que levam os indivíduos à depressão e à ansiedade, incluindo nesses ideais os próprios sonhos fomentados pelo indivíduo. No artigo *A hipótese depressiva*, o psicanalista Christian Dunker também aborda a depressão como uma patologia do social, ilustrando e aprofundando a frase de uma pichação chilena, feita na ocasião da revolta de 2019, citada de forma introdutória no livro: "No era depresión, era capitalismo" (Safatle, 2021, p. 17), o que sintetiza a crítica de que os males da contemporaneidade, como a depressão, não são apenas fenômenos individuais, mas sim frutos de um sistema que propaga a ilusão de que o sucesso pessoal é uma realidade acessível a todos, quando, na verdade, ele é estruturado pela exclusão e pela competição imposta pelo capitalismo. Pois, se o capitalismo dita sonhos que incentivam ao consumo, ele dita também uma grande possibilidade de fracassar em suas realizações para, em seguida, vender algo que possa consolar o sonhador fracassado.

É nesse momento de tensões neoliberais que a sala de aula se desenha enquanto campo em que os afetos são dispostos como forma de transformação afetivo-política e de reinvenção de mundos. Em diálogo com essas questões, o pesquisador Danilo Patzdorf⁶ observa que a crise vivenciada em tempos neoliberais não é só política, econômica e ambiental, no entanto é uma crise que afeta a sensibilidade, "então a arte-educação se apresenta como um potente recurso de experimentação corporal e subjetiva" (Patzdorf, 2021, p.7). É necessário repensar

5. Jorge Aléman dedica seus últimos estudos em compreender as diferenças e as afinidades entre a construção de subjetividades no neoliberalismo e em outros sistemas político-capitalistas.

6. Doutor em comunicação pela Universidade de São Paulo, Danilo Patzdorf dedica seus estudos em compreender como o sistema neoliberal atinge as práticas envoltas nos campos das artes do corpo e de que forma o artista pode agir estratégicamente para reabilitar a sensibilidade dos danos causados por essa interferência constante e violenta na subjetividade.

o campo das artes como um espaço em disputa política para o enfraquecimento e o desânimo no sistema vigente. O afeto, como aponta Suely Rolnik (2025), é um motor essencial para o processo criativo, pois nasce do encontro entre os corpos e as forças que atravessam o mundo. Segundo a autora, antes de qualquer formulação consciente ou estrutura conceitual, há uma vibração que tensiona os corpos e os impele à criação. Essa pulsação sensível, que se manifesta como um "disparador" do fazer artístico, encontra na Fábrica de Sonhos um campo fértil para sua materialização. O projeto opera como um laboratório no qual os afetos, inicialmente invisíveis e sem forma, ganham expressão por meio da performance e do encontro coletivo, reeducando a sensibilidade a um olhar para o outro. O afeto dos encontros é reforçado pela tessitura das relações interespécies com a presença do cachorro Buda, um Golden Retriever presente em (quase) todos os sonhos, acompanhando emocionalmente os percursos de cada um dos alunos, trazendo suporte, conforto e aconchego.

A dimensão afetiva da criação evidencia-se na maneira como cada sonho realizado ressoa não apenas em quem o vive diretamente, mas em toda a comunidade envolvida. Como observa Suely Rolnik (2025):

Os afetos são a presença viva do outro em nosso corpo: um outro não só humano, mas também animal, planta ou, ainda, uma atmosfera política, uma mutação climática, uma obra de arte, uma canção, um texto etc. Tal presença decorre de nossa inelutável interação com o outro, na qual somos fecundados, o que gera devires embrionários: uma espécie de corpo estranho que nos habita. Isso nos desestabiliza e é o que nos tensiona (...) Somos então tomados por um estado de inquietação (Rolnik, 2025, p. 243).



Figura 3 – A presença encantadora de Buda, com um adereço de flor criado pelo aluno Raibolt. Fonte: Acervo pessoal.

Dessa forma, é importante destacar como os afetos ativam processos de transfiguração e reinvenção de si e de um coletivo. Assim, quando um aluno vê seu sonho transformado em experiência concreta, ele não apenas materializa um desejo pessoal, mas também ativa devires latentes no grupo, expandindo os limites do possível e instaurando novas sensibilidades. Ao colocar o afeto no centro de suas práticas, a *Fábrica de Sonhos* cria um espaço de resistência contra a anestesia cotidiana imposta pelo neoliberalismo.

Retomando a reflexão de Rolnik (2025), a potência da arte está na possibilidade de dar corpo aos "embriões de futuro" os quais pulsam nos afetos, reconfigurando as formas de existir e de conviver. Nesse contexto, o que se coloca não é uma fuga da realidade, mas sim um enfrentamento sensível do presente, uma aposta radical na criação de mundos possíveis por meio dos afetos coletivos e da transformação das relações. Como alternativa, a prática pedagógico-artística da *Fábrica de Sonhos* convoca um contragolpe de modo que o sensível se torna experiência de transformação vibrátil: os sonhos realizados criam corpos e encantamento de vida, potência crucial para a alegria. Entendemos aqui o "encantamento", a partir de Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino (2020), como uma prática política de inscrever o cotidiano como rito de leitura e de escrita poética, como um exercício corriqueiro contra a hegemonia de uma tristeza e uma desesperança enraizadas pela ordem sistêmica. Convocamos o encantamento com a emergência de novas possibilidades de existência coletiva, em que o desamparo diante do sistema não seja visto apenas como um estado a ser superado, e sim como um ponto de partida para a reinvenção dos laços sociais, políticos e afetuosos. Destacamos o depoimento de um aluno que sonhava em receber pela primeira vez uma carta de amor e teve seu sonho realizado em sala de aula: "O depois desse sonho reverberou também em como receber e acolher esse tanto de amor que me foi entregue. Me permitiu espiar como esses amores me olham, o que leem e escrevem em mim.".

Ali, na prática, é possível encontrar modos de trazer uma revitalização do sensível. Luiz Rufino faz um importante alerta sobre a educação enquanto um "(...) fenômeno imbricado entre vida, arte e conhecimento, a produção de respostas responsáveis que reinventem os seres e consequentemente o mundo" (Rufino, 2018, p.76). O impacto de se sentir destinatário de um gesto de afeto e de coletividade reverbera profundamente em quem participa da Fábrica. Uma aluna, por exemplo, nunca imaginou que teria a experiência de ser surpreendida por um carro de som enfeitado de balões e tocando músicas anunciando seu nome – símbolo popular de manifestações de amor e de celebração pública. "Eu nunca achei que um dia eu iria receber um carro de som. Nunca. Eu nunca achei que um ato tão grandioso poderia ser feito pra mim.". É ali, nas transformações de sonhos em experiências concretas, que a Fábrica encontra uma forma de ressignificar e de reinventar vivências marcadas pelo não pertencimento, criando espaços em que o afeto e a coletividade se tornam centrais. É essa reinvenção pautada no campo de uma prática de encantamento de vida que a Fábrica de Sonhos convoca em sala de aula, resistindo à lógica neoliberal a qual infiltra progressivamente o mundo da arte, da cultura e da educação, e que busca reduzir as relações humanas a simples transações de interesse pessoal. No contexto de um sistema que privilegia o individualismo e a competição, sonhar em grupo coloca-se como um contraponto potente ao neoliberalismo, oferecendo uma experiência de pertencimento e de criação coletiva: alinhando-se a uma educação que celebra a subjetividade, o afeto e a memória coletiva, em oposição à obediência às exigências do mercado.



Figura 4 - Ligia sonha em realizar uma coreografia de Michael Jackson no Egito.
Fonte: Acervo pessoal.

Esse encantamento se manifesta não apenas na realização dos sonhos, mas na ressignificação das experiências individuais dentro de um coletivo comprometido com a escuta e o cuidado. Ao falar do seu sonho, de ter uma festa de quinze anos, uma aluna explica:

Eu sonhava com uma festa de 15 anos, juntamos dinheiro para realizar este sonho, mas no dia choveu muito. O meu sonho foi literalmente por água abaixo com tanta chuva e a minha festa não aconteceu. Depois desse dia, fui deixando de me importar com meus aniversários ao ponto de não fazer mais nenhuma festa.

Esse movimento de encantamento – ou talvez reencantamento – promovido pelo encontro com a *Fábrica de Sonhos* não se limita à concretização de desejos antes considerados inalcançáveis, porém atua na reconstrução do próprio olhar sobre a vida. O que antes era marcado pela frustração e pela desistência torna-se, dentro desse espaço, matéria para uma nova experiência, em que o coletivo se mobiliza para dar forma ao que foi negado. Assim, a prática do encantamento inscreve-se como um gesto de resistência, reafirmando que o direito de sonhar não deve ser condicionado por barreiras materiais ou pelo desencanto imposto pelas estruturas sociais. Trata-se de encarar o compartilhamento e a construção comunitária enquanto poética e política de vida e de arte: "Nunca que eu poderia acreditar que a Isabelle de 24 realizaria o sonho dos 15. Foi fantástico, incrível, sensível, confortante, emocionante, perfeito como deveria ser", afirma a sonhadora, após a finalização do sonho. Observamos a *Fábrica* como um vórtice de testemunho da força do coletivo, em que a ressignificação de trajetórias e a criação de novas possibilidades têm na alegria um de seus pilares fundamentais.



Figura 5 – Festa de quinze anos de Isabela na Praça XV no Rio de Janeiro.
Fonte: Acervo pessoal.

2. O reconhecimento da importância da escuta e do silêncio

Outro eixo convocado pela prática artística da performance na *Fábrica de Sonhos* encontra-se na convocação de "habitar o momento presente", o "aqui e agora", trazendo o futuro sonhado para o presente e convocando uma qualidade de consciência no momento exato do seu surgimento, para procurar possíveis interrupções em meio à rotina. Principalmente nos primeiros encontros, há, na aula, a busca de um mergulho em si para resgatar um sonho de infância genuíno, nunca realizado ou até mesmo esquecido. A postura do mergulho foi radicalizada ao longo do tempo porque alunos começaram a frequentar a *Fábrica de Sonhos* com sonhos ditados pelas exigências do mundo profissional, querendo gravar clipes, músicas ou cenas de filme, não na intenção de realizar o sonho genuíno, mas no intuito de gerar material para utilizar de forma pragmática nas suas vidas profissionais. Para que o capitalismo não invadisse novamente a vida, optamos por focar a atenção nos sonhos de infância⁷.

A aula propôs-se, então, com mais radicalidade ainda, abrir "um espaço para respirar no meio das atividades, descobrindo outros ritmos para a vida diária", da maneira destacada por Cassiano Sydow Quilici⁷ (2018, p.6), para que ali habitem percepções atentas à realidade e que não fazem parte de um sistema em constante processo de aceleração. A criação de um tempo outro e de um espaço em que o silêncio e a atenção foram elementos fundamentais que atuaram como potentes ferramentas na exploração da presença e da consciência, no momento presente, para abrir o portal do sonho de infância, por vezes soterrado e esquecido. Nesse contexto, o silêncio não era uma mera ausência de som, o que já seria positivo por si só, mas também um espaço fértil para a introspecção e a percepção ampliada do ser e do entorno. O silêncio abria os poros da sensibilidade, de um cuidado para consigo e com as/os outras/os.

7. A questão não estava na natureza do sonho, mas em sua finalidade. O sonho poderia ser o mesmo em termos objetivos (por exemplo, gravar uma cena de filme), no entanto não necessariamente motivado por um desejo de infância; poderia, na verdade, ser impulsionado pela necessidade de gerar material para testes, utilizando a *Fábrica de Sonhos* como recurso de produção. Para evitar essa abordagem, voltarmos nosso olhar para as práticas contemplativas, buscando uma experiência mais genuína.

Percebemos, dessa forma, que alguns sonhos que brotaram na Fábrica reivindicavam esse local de contemplação, de suspensão da lógica acelerada e ruidosa. Salientamos o dia em que uma aluna realizou o sonho de "boiar no mar sem medo". Fomos até a praia da Urca, local com poucas ondas. Lá, estávamos animadas/os com as perspectivas de realizar o sonho, nossa euforia era grande; porém, inesperadamente, enfrentamos uma dificuldade. As/os alunas/os estavam distraídas/os, preocupadas/os em executar o programa performativo do sonho, mas esqueceram o rigor de uma atenção e de silêncio meticulosos para a prática do feito. Foi difícil. Foi necessário que toda a equipe se juntasse e convocasse um pequeno exercício meditativo conduzido por Tania Alice. Só depois do exercício, houve uma sincronização no ambiente, a turma conseguiu encontrar um denominador comum em que a alegria, junto com a atenção e o silêncio, fossem catalisadores do sonho. A aluna pôde boiar pela primeira vez com a turma a sua volta, vibrando, atenta e feliz: "Cada um ali se conectou comigo e percebi genuinamente, a alegria de todos em me ajudar e em me ver tão animada e gritando para as pessoas do outro lado da praia que eu estava boiando sozinha!".

O mesmo ocorreu quando, em 2024, um aluno expressou o sonho de flutuar em uma vitória-régia gigante. A turma inteira contribuiu para a narração da lenda da vitória-régia, a organização da cerimônia para boiar e a confecção da vitória-régia; mas, assim que o aluno começou a flutuar nela no mar, a turma começou a tirar fotos, postar nas redes sociais e, logo, queria interromper a flutuação. Foi preciso voltar-se para o silêncio, deixar o tempo necessário para que o sonho acontecesse em sua dimensão temporal, permitindo que o aluno flutuasse na flor por mais de meia-hora. Nesses casos, a atenção, a contemplação e o silêncio funcionam como forma de resistência contra a saturação e o esgotamento típicos da vida contemporânea, regida pelos cliques fotográficos que testemunham nas redes sociais que algo foi vivido, relegando o sentir associado e o viver para o segundo plano.

Figura 6 – Savio sonha em flutuar em vitória-régia gigante, 2024. Fonte: Arquivo pessoal.



Ao valorizar silêncio e paz, a performance torna-se um ato de subversão que propõe novas formas de percepção e atenção, estimulando uma conscientização profunda em cuidar do ambiente ao nosso redor e dos nossos próprios corpos. Assim, a importância dessas práticas vai além do campo artístico, atingindo dimensões sociais e existenciais, ao promover momentos de verdadeira conexão humana, e ao oferecer uma pausa, em ação, na incessante marcha do cotidiano.

3. A disciplina como prática de amor e de liberdade

A Fábrica de Sonhos é um poderoso motor de experiências transformadoras que, em construção, propõe pensar o corpo, em performance, como um local de memória e de grafia, como Leda Maria Martins (2003) observa ao discutir a relação entre corpo e performance. Ali, a arte e a educação, ao invés de representar um espaço de dureza e modelo radical de ensino, torce por um ambiente em que a disciplina seja dotada de amorosidade. Este último item é de extrema importância: a disciplina. Não se trata de uma disciplina rigorosa de uma ordem sufocante, mas de uma prática atenta que gira em torno da liberdade e do amor pela procura e realização, em comunidade, de sonhos: somos alertados por bell hooks (2013, p. 2006) quando ela diz que "(...) é importante lembrar os alunos que a alegria pode coexistir com o trabalho duro. Nem todos os momentos da sala trarão necessariamente um prazer imediato". Convocamos a disciplina e o rigor pelo amor como prática de docência em arte, pois acreditamos que é justamente por meio desse encontro que é possível repensar uma arte e uma educação socialmente engajadas, e temos, como consequência, marcas de felicidades espalhadas pelos corpos das/os alunas/os. Um aluno que sonhava em ter um momento em que pudesse "contemplar a sua vida" percebe a inseparabilidade entre indivíduo e coletivo, e a necessidade de dedicação ao sonho alheio ao afirmar:

Na prática senti que meu sonho foi realizado como algo coletivo, como se todos precisassem daquele momento. Fomos à praia e foi a primeira vez que vivi uma aula na praia. O coletivo foi de muita importância durante todo o período da *Fábrica de Sonhos*. Confesso que até gostei mais de realizar os sonhos alheios do que estar vivenciando o sonho que escolhi.

Como já pontuado, o trabalho em equipe ali é primoroso para um contínuo processo educacional e artístico. Conceição Evaristo (2018) diz: "Eu acho que o sonho fecunda a vida e vinga a morte". Essa fala de Conceição Evaristo convoca a urgência de pensar o sonho enquanto força e testemunho da capacidade humana de se projetar para além do horizonte da própria existência, deixando legados, memórias e impactos que perduram⁸. Pensar o sonho como uma prática de amor, como uma aluna que afirma após a realização do seu sonho: "Me sinto mais leve e renovada, como se algo de mais subjetivo tivesse sido nutrido com muito amor. Me marcou para sempre lá na minha alma e no meu coração.".

O mais marcante é que, quando trabalhamos e realizamos os sonhos de outra pessoa, movimentamos uma ecologia social, uma ética de ação e de construção de novas relações políticas e poéticas. Trata-se de abrir caminhos para uma construção coletiva, em que os sonhos deixam de ser meramente individuais e passam a operar enquanto vórtice transformador, capazes de subverter e instaurar novas possibilidades de existência e de convivência. Nesse sentido, encontros que reconfiguram modos de viver e de pensar o mundo tornam-se essenciais, como apontado por Tania Alice e Fabiana Monsalú:

No tempo em que as necropolíticas imperam, assinalando e aprofundando as desigualdades promovidas (...) pu-

8. Enquanto texto também redigido por alguém que cumpriu estágio docente, é importante destacar o quanto a *Fábrica de Sonhos* representa um marco significativo na formação de pós-graduandos. Nesse contexto, ressaltamos a experiência de Zé Caetano, para quem o projeto teve um papel fundamental. Vindo de um longo processo de luto pela perda de seu pai, ele reencontrou a alegria em sala de aula. A isso, expressa sua profunda gratidão ao projeto e a todas/os que cruzaram ou ainda cruzam esse caminho de encantamento e de felicidade.

demos medir a preciosidade de encontros presenciais transformadores aos que se dispõem a vivê-los para, a partir deles, repensarem o mundo e habitá-lo com amosidade. Sonhar a vida (Alice; Monsalú, 2021, p. 39).



Figura 7 - Ro-berty sonha em fazer parte de uma trupe de circo itinerante. Fonte: Acervo pessoal.

O ato de sonhar e criar coletivamente configura uma ruptura com as narrativas que naturalizam o desencantamento, o medo e a ansiedade. Expandir os limites do imaginável por meio das coletividades, tratar nossos sonhos e, consequentemente, a nossa felicidade com seriedade, e priorizar os sonhos das crianças que fomos são gestos que não apenas resistem às lógicas de violência, mas ensaiam outras formas de estar no mundo, sustentadas por práticas de cuidado, de escuta e de criação compartilhada. O impacto de cada realização desdobrarse para além de cada sujeito e ressoa em todo o grupo. Como destacou um aluno, a experiência de ver seu sonho concretizado não se limitou ao momento da performance, mas marcou sua

trajetória: "Acredito que uma das melhores experiências do meu semestre e do meu ano foi a Fábrica de Sonhos. Ter o sonho de 'nascer uma drag' realizado, foi surreal e inexplicável." A concretização do sonho torna-se também uma inscrição de novas possibilidades para si e para os outros. A Fábrica honra o esforço para recuperar a potência da infância, momento em que o corpo, ainda livre das lógicas de controle, permanece aberto ao devir. Como afirma Fernando Bonadia de Oliveira (2017, p.1), "a criança pequena é o ser que vive continuamente resistindo às adversidades a que está disposta por ser uma parte da natureza quase sem nenhum conhecimento de si e do mundo". Assim, convocar os sonhos de infância é um exercício de imaginação crítica, um convite a pensar outras formas de existir, pautadas pela transformação constante e pela potência criativa. Essas práticas apontam para futuros possíveis, em que o poder se desdobra em ações distributivas, sensíveis e não-excludentes. No entanto, como questionava Gabrielle Roth em suas oficinas, em uma frase famosa que virou estampa de camiseta: "Você tem a disciplina de ser um espírito livre?". Sonhar exige rigor, compromisso e coragem de imaginar impossíveis.

A sala de aula, em suas experimentações possíveis, abre-se como um campo de pesquisa que, ao entrelaçar prática artística e pedagogia socialmente engajada, propõe uma transposição do corpo traumático para o corpo reconfigurado por novas possibilidades; o que constitui exatamente o cerne do projeto de pesquisa "Poéticas do Cuidado: arte em tempos de crise", desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa "Práticas Performativas Contemporâneas" (UNIRIO/UFRJ/CNPq), que investiga coletivamente procedimentos artísticos produtores de alegria, a performance enquanto vórtice de saúde. Alguns exemplos:

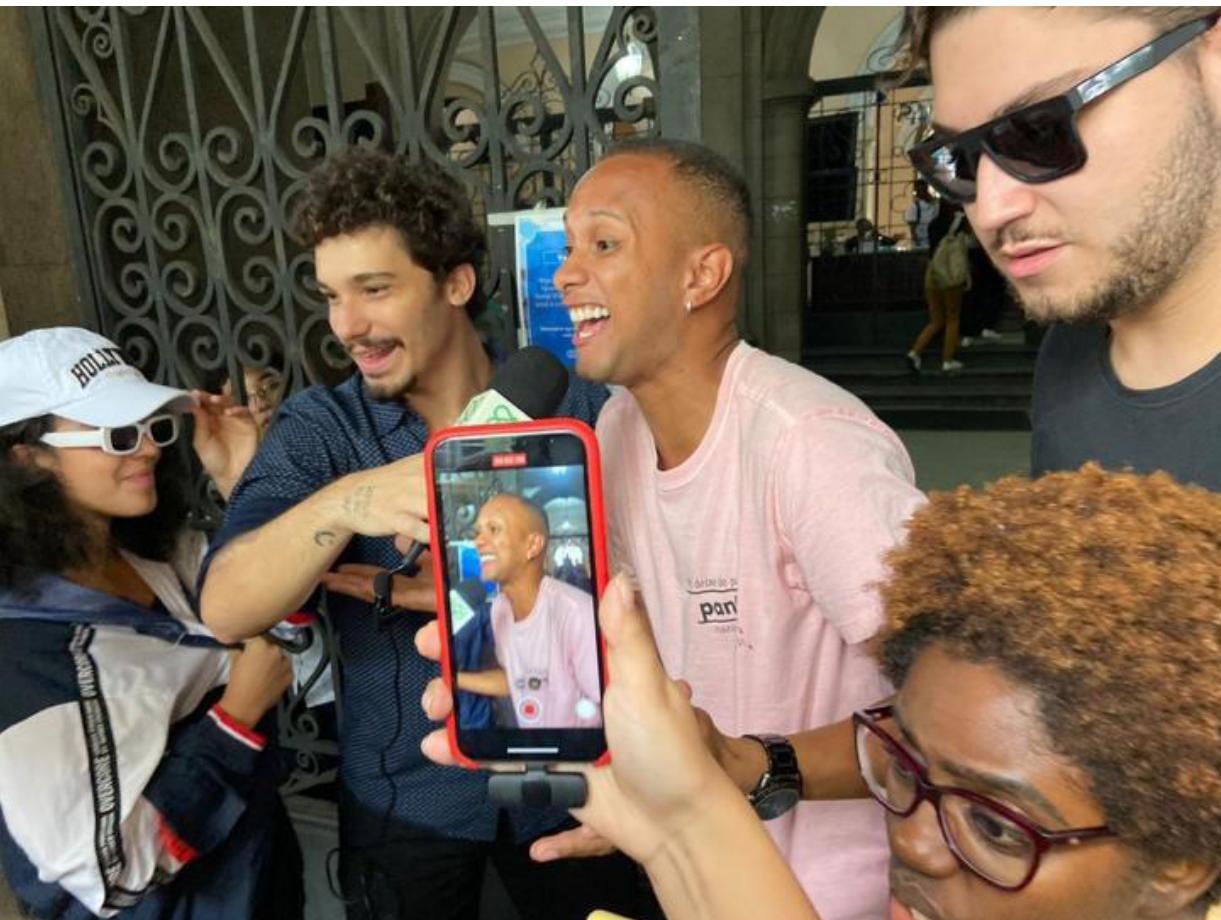


Figura 8 - Cassio torna-se um astro do forró, grava uma música e é celebrado por todos no estúdio do ISERJ.
Fonte: Acervo pessoal.

Em uma terça-feira à noite, Wanessa recebeu o convite para viver seu sonho: às 9h, precisaria estar pronta na Praça XV⁹, no centro do Rio de Janeiro, para realizar seu sonho de velejar na Grécia. Às 8h30, uma parte da equipe já se encontrava do outro lado da Baía de Guanabara, em Niterói, preparando a ambientação para a viagem. Acompanhada por um oráculo e um guia turístico, performados por dois alunos da disciplina, Wanessa foi recebida e convidada a embarcar nas barcas rumo à sua jornada, recebendo as indicações do guia que a acompanhava. Aos poucos, uma história foi sendo tecida, até que chegou em Atenas – o outro lado da Baía de Guanabara, onde alunos estavam performando estátuas gregas e cenas da mitologia. Dessa forma, Wanessa reconheceu a Grécia não

9. A Praça XV é famosa por abrigar um dos principais terminais de transporte marítimo da cidade do Rio de Janeiro, de onde partem as barcas que fazem a travessia para Niterói e outras localidades da Baía de Guanabara. As barcas são um meio de transporte tradicional e muito utilizado por moradores e turistas.

como um destino, e sim como um reencontro com os próprios sonhos.

Na terça seguinte, Nina recebeu uma mensagem de WhatsApp: "Cara Nina, favor amanhã, às 9h, dirigir-se até o endereço tal para a sua premiação.". Sonhadora, ela aguardava esse momento. Recebida com flores, sua maquiagem foi feita enquanto ela ainda não sabia o que estava por vir. A Fábrica, com seus contatos, conseguiu ter acesso ao Teatro Riachuelo, importante na cidade do Rio de Janeiro, onde Nina receberia o prêmio de "Melhor Nina do Mundo", com parte de sua família – também vestida de gala – na plateia, em uma celebração que era só sua.

Enquanto isso, no domingo à tarde, uma aluna se deslocava até São Gonçalo, para a casa da família de Ruth. Ruth, que havia perdido a avó, sonhava em saborear o bolo em formato de coração, exatamente como a avó o fazia. Atravessando a ponte Rio-Niterói, ela buscava a receita e a forma original, preservando a memória e o sabor de um amor que nunca se perderá.

Figura 9 - Nina sonha em receber um prêmio importante. Teatro Riachuelo, Rio de Janeiro. Fonte: Acervo pessoal.



E, no sábado, às 4h30 da manhã, Nadir recebia o convite para realizar o seu sonho: ver o pôr do sol com amigos em Copacabana. Cangas, sorrisos, uma blusa, se houvesse frio, e uma felicidade que se espalhava no vento, como a promessa de que cada sonho, por mais simples que fosse, carregava consigo a essência do que nos une.

Cada um desses momentos revela, de maneira única, a capacidade da *Fábrica de Sonhos* de transitar entre a criação e o que se pode tornar possível, produzindo saúde e alegria. Trata-se de uma construção de espaços de acolhimento, em que o simples ato de sonhar torna-se uma forma de reencontro e de reinvenção. Na *Fábrica*, cada gesto, por mais íntimo que seja, reverbera de forma coletiva: um bolo que resgata memórias ou uma viagem que reconstrói um futuro desejado. São gestos que reconnectam, que restituem e abrem caminhos para novas formas de existir.

De uma forma geral, na *Fábrica de Sonhos* desdobramos a pesquisa em uma investigação daquilo que repara, reabilita e produz alegria: vivenciar um dia em um spa após quatro horas de ônibus lotado para ir e voltar da faculdade; falar para um retrato-colagem que representa a sua vó já falecida quem a gente se tornou para, em seguida, dançar para ela. A cada gesto, uma lembrança acende-se, um gesto de amor perpetua-se, e algo do passado se traz de volta, aquecendo o presente. Em cada uma dessas ações, algo se ressignifica, algo se reconcilia, uma parte de si encontra uma nova forma de existir.

Ao observar e procurar a insistência do que repara, do que reabilita e do que produz alegria, começamos a vislumbrar um arquivo das realizações dos sonhos, o qual se apresenta como um dispositivo que possibilita detalhar a pesquisa e almejar novos horizontes, dentro e fora dos muros da universidade, enquanto ação pedagógica e artística. A equipe divide-se na coleta de depoimentos das/os sonhadoras/es, registrando, de maneira fotográfica e em vídeo, os processos que vão da ideação à realização do sonho. Surge, aí, uma questão: "como capturar o encantamento?". Esta questão, comum nas

artes performativas, reflete a tensão entre documentação e ação quando falamos do "aqui" e do "agora" da performance. Apostamos, então, na tentativa de capturar o sensível, como provocou Moacir Junior (2018), em resposta para "abraçar" o senso poético que a ação carrega, auxiliando a construção de materiais que sirvam de base para a escrita deste texto e para a elaboração de um e-book que expandirá esse projeto, e poderá contaminar o fomento de novos sonhos. O registro da experiência não é apenas uma formalidade documental, mas também um gesto de preservação daquilo que escapa ao efêmero. O aluno Marcos tinha o sonho de produzir um documentário e propôs-se a acompanhar o trabalho, em 2024, pelas lentes da câmera. Em seu depoimento, descreveu o sentimento ao capturar o encantamento vivido: "Senti ali que algo extremamente especial iria acontecer entre nós e que tudo isso precisava ser registrado para se eternizar em memória e saudade." Observamos, então, a construção de arquivos afetivos de experiências transformadoras, capazes de reverberar no tempo e nos corpos que delas participaram. Dessa forma, elevamos a atenção e a qualidade da nossa contemplação, que se configuram como dispositivos essenciais para um registro capaz de dar conta da experiência vivida, para o contato direto com a epiderme da ação.

Vislumbramos, ao decorrer desse processo, uma força radical para tentar silenciar a tagarelice do mundo e fazer falar o corpo enquanto potência de vida. Na sala de aula, com a nossa equipe, convocamos a escavação da experiência no seu vórtice mais puro de felicidade, resgatando um compromisso político que pensa a educação como uma prática de felicidade, contra a barbárie de um sistema neoliberal. Afinal, se para Leda Martins o corpo é, por excelência, o local de memória, ao sonharmos coletivamente reivindicamos a possibilidade de construção de corpo-memória feliz, em contato com uma educação que se funda na prática do amor.

Não faças de ti um sonho a realizar.

Vai.

(MEIRELES, 1997, p. 200.)

REFERÊNCIAS

ALEMÁN, Jorge; GOMES, Maria C. Horizontes neoliberais na subjetividade. **Analytica: Revista de Psicanálise**, São João del Rey, v. 11, n. 21, p. 1-24. 2022.

ALICE, Tania; MONSALÚ, Fabiane. **Arte relacional no Brasil: o que se faz, o que se come**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2022.

BONADIA DE OLIVEIRA, Fernando. Desmortificar o corpo: Deleuze leitor de Espinosa. **Colunas Tortas**, 17 fev. 2017. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/desmortificar-o-corpo/>. Acesso em: 07 fev. 2025.

EVARISTO, Conceição; MOMBANÇA, Jota. Territórios de Partilha: como as poéticas podem criar novos mundos in **Wow-Festival de Mulheres no Mundo**. Novembro de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EIUCvl9rw8&t=410s>>. Último acesso em 01 de abril de 2023.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. São Paulo: Papirus, 2012.

HELGUERA, Pablo. **Socially engaged art**. New York: Jorge Pinto Book, 2011.

hooks, bell. **Ensainando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JUNIOR, Moacir Romanini. Tentativas de capturar o sensível: a fotoperformance e as artes presenciais. **Conceição/Conception**, Campinas, 7.1, p. 92-101. 2018.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, Santa Maria, n. 26, p. 63-81. 2003.

MEIRELES, Cecília. **Cânticos**. Rio de Janeiro: Editora Global, 2018.

PATZDORF, Danilo. Artista-educa-dor: A somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Campinas, v. 1, n. 40, p. 1-28. 2021.

QUILCI, Cassiano Sydow. Artes performativas, modos de percepção e práticas contemplativas. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, n.. 262-273. 2018.

ROLNIK, Suely. No princípio, era o afeto. **Sala Preta**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 240-291. 2025.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Editora Morula, 2019.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian (org.) **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2021.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

Submetido em: 21/03/2025

Aceito em: 01/12/2025